

VAMOS FALAR SOBRE A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO?

Professora Doutora Aparecida Barbosa¹
Professor Doutor Virgílio Nascimento²
Luzinete Pires dos Santos Nascimento³

RESUMO

A saúde socioemocional dos trabalhadores brasileiros está na pauta do dia, uma vez que a OMS – Organização Mundial da Saúde divulgou os dados sobre o tema a nível mundial. É fato que desde a pandemia da covid-19 e, os efeitos negativos dela, quer seja pelos altos índices de trabalhadores que contraíram a infecção respiratória, quer seja pela perda de um parente muito próximo ou até daqueles mais distantes e/ou amigos, colegas de trabalho e conhecidos. Os índices alarmantes divulgados acendem uma luz piscante e emite um sinal sonoro, especialmente para nós, professores universitários, pois lidamos com diversos mundos pensantes de uma única vez, na sala de aula, como evidenciou Barbosa (2020). Para além de valores diversos, em uma sala de aula, nos deparamos com indivíduos das diversas gerações. E, conflitos entre gerações em tempos de Inteligência Artificial, período pós-pandemia e polarização político-partidária entre nações, é um cenário nunca antes visto, pelo menos, nunca vistos simultaneamente, por esses autores que vos fala. O Brasil lidera o ranking sobre ansiedade na América Latina e a OMS fez uma previsão preocupante: até 2030, a ansiedade e a depressão serão as doenças que mais irão afastar, do trabalho, as pessoas. Precisamos lembrar que as instituições de Ensino Superior, sejam elas públicas ou privadas são feitas de atores, no ambiente acadêmico temos professores, alunos e colaboradores. Conforme dados do Ministério da Previdência Social, mais de 472,3 mil pessoas se afastaram do trabalho em 2024 devido a transtornos mentais e comportamentais. Este estudo analisou dados divulgados pelos órgãos da saúde em especial da região Nordeste, mais especificamente dos estados do RN, BA, CE, PE, AL, PI e SE. Os dados compõem um quadro alarmante que aponta que, no ano passado, o Brasil teve quase meio milhão de afastamentos por questões de saúde mental, o maior número em dez anos. Esses índices declaram que mesmo os professores universitários apresentando bons desempenhos no âmbito profissional, estes apresentam-se exaustos emocionalmente, e com uma qualidade de vida insatisfatória, logo sugere-se a necessidade de intervenções de modo a minimizar os riscos para o desenvolvimento de doenças físicas e mentais, e a saúde mental é agora, de fato, um problema de saúde pública. O referencial teórico é composto por Araújo (2019), Barbosa (2021, 2022 e 2023).

Palavras-chave: educação socioemocional, conflito entre gerações, saúde mental, professor universitário.

¹ Professora Doutora pela UERJ-RJ, Mestre em educação pela UFPE-PE, Graduada em Comunicação Social pela ESURP/PE. Graduada em Letras pela UFPE-PE. Especialista em educação pela UFPE-PE. cidaufpe@yahoo.com.br

² Professor Doutor pela UFMT-MT, Mestre em Teologia pela Faculdades EST-RS, Graduado em Pedagogia pela UFPA-PA, Especialista em Didática do Ensino Superior pela FUNIBER-AM. virgiliosantarem@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Parintins (FAMETRO)-AM, pires.luh@hotmail.com



O Ambiente Acadêmico Adoecedor

A dinâmica do ambiente laboral acadêmico apresenta evidências e nos ajudou a compreender como as relações de trabalho podem ser fontes de sofrimento psíquico ou de realização pessoal.

É notório que o ambiente laboral da academia apresenta um descompasso entre as exigências de uma academia que clama pelo reconhecimento do professor que ele forma, o professor da educação básica desde sempre e a falta dos seus recursos internos para os professores universitários enfrentá-las.

Assim, quando esse sofrimento não encontra espaços legítimos de expressão dentro das universidades, seja elas públicas ou privadas, ele vai se transformar em um ambiente de adoecimento psíquico. E é exatamente isso que acontece. Vejamos alguns relatos de professores universitários, extraídos das redes sociais:

“... eu fui orientada pela médica aqui da instituição a abrir um processo de assédio moral contra meu coordenador.... ele não valida, não respeita a minha dor. A única coisa que ele me pergunta quando me liga...sim, porque ele não me envia e-mail ou mensagens de textos...pra eu não ter provas do abuso que ele comete comigo...”

Além disso, Dejourns destaca o papel central da cooperação e do reconhecimento no ambiente de trabalho. A falta de valorização e de apoio social pode agravar os impactos negativos das pressões laborais, levando a um aumento da ansiedade, depressão e outras patologias relacionadas ao trabalho. Dessa forma, promover um ambiente organizacional que favoreça o reconhecimento e a cooperação não é apenas uma questão ética, mas também uma estratégia eficaz para prevenir o sofrimento mental.

Diante disso, é fundamental que as empresas se tornem espaços que promovam a saúde emocional. Ações como a criação de ambientes mais acolhedores, a implementação de políticas de prevenção ao adoecimento mental e o incentivo a práticas de autocuidado são passos essenciais para garantir que o trabalhador se sinta valorizado e respeitado. Afinal, pensar na saúde mental dos colaboradores não é um custo, mas sim um investimento. Empresas que promovem o bem-estar tendem a ter equipes mais produtivas, criativas e comprometidas, reduzindo taxas de absenteísmo e afastamento.

Vivemos em uma era de grandes transformações tecnológicas, onde a automação e a inteligência artificial assumem papéis cada vez mais significativos. O historiador Yuval Noah Harari alerta para o risco do surgimento de uma “classe inservível”,



composta por pessoas excluídas do mercado de trabalho devido à substituição por máquinas. Isso reforça ainda mais a urgência de um olhar humanizado para o trabalho e para aqueles que o realizam.

Não podemos construir uma sociedade equilibrada, organizada e acolhedora se ignorarmos o sofrimento humano dentro das organizações. Empresas, igrejas, ONGs e todas as formas de organização social precisam compreender que, no final das contas, a vida só tem sentido quando somos verdadeiramente humanos.

Introdução

A geração Z, os nascidos a partir do ano de 2010, como acontece a cada novo desenvolvimento tecnológico deu nome a uma geração: a da rede, a da mensagem instantânea, a geração jogadora, viciada em games, e a de agora, devido à habilidade em controlar diversas fontes de informação -, vive mergulhada em ambientes literalmente bombardeados por estímulos auditivos visuais e sensoriais em que experimentam vivências, manifestam comportamentos, produzem discursos e realizam aprendizagens que ou não são adequadamente incorporadas pela escola ou são abertamente rejeitadas por ela. São os adultos nascidos após a década de geração em que a comunicação, inclusive a pessoal, e a gestão do conhecimento, no sentido mais amplo, passaram a ser mediadas pela tecnologia digital. Por isso, seus integrantes são extremamente habilidosos com os smartphones. Consomem todas as informações e possibilidades da IA – Inteligência Artificial -, como o Chat Gpt, todos disponíveis na tecnologia digital e, são capazes de realizar várias tarefas ao mesmo tempo: assistem televisão ou filmes, minisséries em plataformas de *streamings*, enquanto trocam mensagens no *WhatsApp*, ouvem música e, às vezes fazem alguma tarefa simples de casa, como lavar louças.

Por outro lado, na outra extremidade desse conflito (de gerações), o ambiente de socialização da maioria das pessoas com mais de 40 anos, além da família, da escola e de seu entorno próximo, era constituído pelo rádio, pelos textos impressos, pelo cinema, pela televisão, pelo vídeo, pelos livros, pelas revistas etc., e estava impregnado pela ideia de que os mais velhos é que sabiam (possuíam o conhecimento) e deveriam ensinar às crianças. Hoje, meninos e meninas já nascem, praticamente com um smartphone na mão ou a sua frente.

De modo mais ou menos explícito, os jovens dessas gerações eram caracterizados como mais inteligentes, mais espertos e, inclusive, mais preparados. Eram mais ágeis, mais rápidos e mais sociais.



Entretanto, está bem claro hoje para nós, 50+, que “mais” nem sempre é “melhor”, e que a abundância pode gerar tantos problemas quanto à escassez. Ter na palma da mão todo tipo de informações e de recursos necessários para produzi-las não implica seguramente em ter a capacidade de mobilizá-las, atribuir-lhes sentido e construir conhecimento, sem uma intervenção de um professor. E, em se tratando do volume de informações, o fato mais relevante em relação a esta lacuna é que os professores universitários cotidianamente precisam encontrar um meio para que a aquisição de informações pelos alunos, não fique apenas no consumo, mas, sim, transforme esse volume imenso de informações em conhecimento e, principalmente, sejam mobilizados para a solução de problemas que surgem também em decorrência da vida digital.

Como analisa Sancho (2009), os diversos ambientes escolares da escola, do ensino fundamental à universidade, permanecem ancorados em concepções que podem ser assim sintetizadas: (i) o conhecimento é uma coleção de fatos sobre o mundo e de procedimentos para resolver problemas; (ii) O intuito da universidade é acumular conteúdos na mente estudantes, que consistem em fórmulas de como os problemas foram solucionados; (iii) Semelhante aos sacerdotes do século XVII, os professores universitários, professam em suas aulas, a verdade sobre esses problemas e os métodos que levaram a uma solução. Sua função, portanto, é estar no centro da docência e transmitir fatos e métodos aos alunos; (iv) A instituição acadêmica ordena, dentro dos saberes curriculares fatos e métodos, iniciando do fácil ao mais difícil, vistos pela ótica dos professores.

Tal cultura universitária via de regra entrou em conflito denso com a cultura pós-industrial, fortemente marcada pela cultura digital, as quais promoveram significativas mudanças nos modos de produção do conhecimento e nos modos de sua apropriação.

Na cultura universitária, ainda preponderam tecnologias estáticas, que consistem em suportes como papéis, cadernos, livros, revistas, impressos. Contudo, para beneficiar-se das possibilidades do uso acadêmico das modernas ferramentas digitais, precisam, agora mais que nunca, da intervenção das instituições formadoras: a escola e a universidade.

Ambiente Laboral X Ambiente Social

Não é mais possível conceber que apenas a cognição comparece apenas na sala de aula ou que o ambiente de aprendizagem aconteça apenas nela também. A



aprendizagem hoje, mais do que nunca acontece em espaços físicos, espaços formais, mas, também nos espaços sociais como: no espetinho da praça, na pista de *skate*, no campo de futebol e no espaço digital. Não dá mais pra não validar que nós professores universitários, não somos semideuses e que os estudantes têm emoções, que não estabelecem vínculos com os objetos do conhecimento, com os colegas, com os professores, com a família, com os amigos, com o mundo.

Nós, professores também. Todos nós rimos, choramos, sofremos, nos encantamos, desejamos, fantasiamos, teorizamos... Somos seres de relação, repletos de vida, há infinitos universos dentro e fora de nós - não há como fugir disso.

O presente estudo teórico sobre o como anda a educação socioemocional de nós, professores universitários olha para as habilidades socioemocionais com vistas à melhoria, ou quiçá a busca por interações sociais não apenas entre professor-aluno. Para além desse olhar, se faz necessário um olhar ampliado para o professor universitário cujo produto que este deve entregar a sociedade é um profissional, de todas as áreas capaz de não apenas desenvolver seus saberes profissionais eficazmente, mas também um ser humano capaz de se enxergar no outro ser humano.

Metodologia

No presente trabalho, utilizou-se o método de revisão integrativa da literatura (RI), que consiste na sintetização de resultados obtidos em pesquisas sobre determinado tema. Uma revisão integrativa permite a inclusão de estudos que adotam diversas metodologias, por este motivo, inserimos também uma pesquisa qualitativa, com questões abertas 'para 3 sujeitos – 2 professoras e professor universitário. A narrativa aberta defendida por Barbosa (2017), é uma metodologia na qual em determinado encontro com os sujeitos, é estabelecido um tema a ser conversão, mas que, pode ser trabalhado, conforme as narrativas dos sujeitos vão surgindo. Utilizamos os seguintes codinomes são: Ametista, Rubi e Crisoprásio (uma variedade do quartzo criptocristalino), para resguardar os nomes dos sujeitos que ainda estão participando da pesquisa, cujo resultado será apresentado no próximo CONEDU.

Sujeitos da Pesquisa

Ametista é uma professora universitária de uma IFES da região nordeste, há 14 anos e conta com 43 anos de idade. Há 5 anos enfrenta depressão, mudança brusca de humor e, a cerca de um ano foi diagnosticada também com Fibromialgia – um conjunto



de dores que culmina na síndrome da dor crônica. Não tem cura, mas, controle. O diagnóstico torna-se difícil de se fechar, uma vez que nenhum exame de imagem ou de sangue, pois não apresenta alterações nesses exames, logo, todo o diagnóstico é feito com base nos sintomas do paciente e nos exames físicos que apontam diversos locais de dores. Ametista relata, no tocante a sua relação no ambiente laboral que:

“... acreditei que pudesse ter uma vida um pouco mais tranquila quando passei no concurso, porque não haveria tanta concorrência, mas, menina que engano viu... passei e passo por coisas absurdas aqui na universidade, no meu departamento... colegas de departamento que não acreditam que eu tenho depressão, que tomo um monte de remédios tarja preta e por isso fico sonolenta... e que eu não tenho a menor condição de ser professora de uma das melhores universidades do Brasil, como foi divulgado... mas, professora, eu sempre fui muito efetiva no meu departamento, sempre ajudei em tudo que os coordenadores, os diretores do centro pedia a mim e, quando eu passo por um problema de saúde... tá certo eu saí de um relacionamento abusivo, tóxico... mas, eu tinha exposto em reuniões anteriores do departamento que eu estava tendo a necessidade de trocar de horários com outros professores... pra ir só dois dias pro campus... que é longe da cidade...é no interior...você sabe, justamente por conta da separação... contei tudo pensando que eles iam me ajudar...pra hoje, ele dizerem que eu devo me afastar de vez.... acho que eles queriam que eu pedisse exoneração...só sendo... aí eu fiz a besteira de tomar um monte de remédios de uma vez... quem se xxxxxx? Só eu!” (Ametista, 02/03/2024)

Rubi, também é uma professora universitária, com 24 anos como professora universitária e pouco mais de 50 anos, para manter-se minimamente sã mentalmente teve que pedir exoneração há pouco mais de um ano de uma IES estadual também da região nordeste. Ainda neste mesmo contexto de ambiente laboral acadêmico, Pérola narra a gênese do comprometimento da sua saúde mental, em meados de 2017:

“.... depois de lutar por quase 10 anos com a doença do meu filho, que meus colegas de departamento questionam se ele, de fato teve leucemia. E atribuem a dúvida por fazerem a relação de ‘eu continuar com a pele ótima.... os cabelos bem tratados.... e eu continuar magra’. É desolador essas associações que fazem comigo, depois de tudo o que eu passei... e o que mais me intriga é que meus pares, não perguntam sobre meu filho, mas, sim, sobre o que eu faço pra continuar assim... quando, durante uma discussão em uma reunião departamental presenciei um colega sacando um revólver pra atirar no outro, fiquei muito abalada, me questionei: ‘como é que nós, formadores de



profissionais, de professores, elementos da educação brasileira agimos assim?’. Meu desejo era nunca mais voltar aquele ambiente. Saí da reunião, sob protestos e fui a um médico psiquiatra que me atendia sempre e expliquei a situação. Ele, de pronto me entregou um laudo com o CID de depressão – a classe 10, eu acho – e me medicou com um antidepressivo e me deu a receita.... eu, imediatamente fui na universidade entregar.... nossa! Quando cheguei lá, a chefe do departamento, uma professora a quem eu ajudei enquanto era substituta disse: ‘outro afastamento xxxxx? num basta o tempo que tu ficasse fora não pra cuidar do teu filho?... não consigo explicar o que senti... se é que senti algum sentimento que possa descrever agora.... apenas chorei e saí...’ (Ametista, 04, abril, 2024).

Crisoprásio é um professor universitário, com mais de 35 anos de vida acadêmica, um renomado professor de Direito e conta atualmente com 78 anos. Sobre o ambiente acadêmico Crisoprásio sofreu violência psicológica e emocional na IES particular onde lecionou durante toda a sua trajetória como professor universitário ao completar 75 anos de idade e teve que se aposentar compulsoriamente, não em virtude da lei complementar nº 152/2015, uma vez que tal lei é aplicada aos servidores públicos, mas, porque, seus pares em 24 horas consideraram-no velho para continuar lecionando. Aos detentores do saber o que seria melhor para a sua vida pós 75 anos, ‘ter uma vida mais tranquila’ deveria ser o único objetivo de Crisoprásio dali em diante. É deste momento que ele nos faz a seguinte confissão, extremamente emocionado:

“... eu dei aula até o último dia do semestre de 2022, entreguei as notas...aquela coisa toda... e fui pra casa. Eu tinha o hábito ao chegar em casa verificar se minha mulher tava bem e, dispensava a cuidadora pra ela se recolher...dormir né. Tomei um banho e fui comer alguma coisa, ai, tive a curiosidade de ver se tinha algum retorno no meu e-mail sobre um congresso de direito tributário que eu ia participar em sampa...eu achei que fosse né... quando eu abro meu e-mail, tinha um e-mail do departamento e outro da pró reitoria de recursos humanos, ai eu disse: ‘ôpa, vou ser promovido a professor associado né!!... ai, abri, era um e-mail de agradecimento pelos quase 36 anos de serviços prestados a universidade como docente.... eu acreditei que era porque meu aniversário estava próximo e, eu ia receber ao menos uma medalha...ai fui pra o e-mail do departamento é...quando eu abro tinha uma mensagem mais ou mens assim: ‘ caro professor doutor... enchendo a minha bola né....este departamento, em reunião realizada no dia de hoje, concluiu que para o seu bem estar e, para este departamento continuar entregando aos alunos do curso de direito professores cada vez mais alinhados a seu



tempo, concedemos a vossa senhoria a aposentadoria com todos os seus direitos, conforme a CLT’... veja, não lembro exatamente as palavras, mas, fiz um esforço danado pra me lembrar de qual reunião eles estavam falando e, que departamento era esses que tava tão preocupado com o meu bem estar... não consegui pensar em mais nada, apenas, me recordo que olhei meu celular, no grupo de mensagens da universidade e, vi, de relance que tinham mensagens de ‘aproveita as férias permanente’...coisas assim... e eu não lembro professora porque eu fui até o quarto e peguei da minha mulher dois comprimidos diazepínicos de alta dosagem e tomei...” (Crisoprásio, janeiro de 2023).

Ponto de interseção entre os sujeitos desse artigo

Você leitor deve estar se perguntando em que ponto esses professores universitários se cruzam? Onde se encontram? Ou o que os interligam? O fato de serem professores universitários? O fato de serem sujeitos pertencentes, socialmente a uma casta, afinal, professores universitários são doutores e, por suposto são pessoas muito inteligentes. A nossa resposta é SIM. Para todos esses questionamentos. Porém, adicionamos mais um. Todos estavam internados em uma clínica psiquiátrica após os episódios acima relatados e, todos foram internados compulsoriamente por membros de suas famílias que, assim, como seus pares acadêmicos, acreditaram que eles tinham surtados. Ou seja, eles fazem parte da estatística da OMS que divulgou que quase meio milhão de brasileiros se afastaram dos seus ambientes laborais em 2024, porém o que está por trás desses afastamentos? O que desencadeou esse boom de adoecidos mentalmente? É a genética, é o DNA ou o contexto social?

Acreditamos que pelo contexto social em que passaram: uma clínica para tratamento da saúde mental. Ametista foi internada pelo irmão mais velho, Rubi, foi internada pela filha advogada e Crisoprásio foi internado sob camisa de força pela filha médica, em uma clínica no estado de Pernambuco.

Não pretendemos trazer a baila uma anamnese – entrevista clínica entre o médico e um paciente -, mas, sim uma contextualização de que: embora o professor universitário tenha uma gama de conhecimentos em suas áreas de atuação. Embora os estudantes universitários os vejam, algumas vezes como phdeuses, em seus nichos de atuação. Seu entorno familiar, sua rede de apoio – termo muito usado nos últimos tempos -, não os percebe assim, não os tratam com a deferência que o conhecimento deveria lhes possibilitar.



O ambiente social no qual vive o professor universitários no Brasil, independente da região, é extremamente dissociado e distante do ambiente acadêmico? NÃO, caros leitores.

A falta de valoração e valorização (valoração é quando atribuímos um valor apreciativo a alguma pessoa e/ou coisa e valorização é quando aumentamos a importância a alguém ou a alguma coisa) ao professor universitário, sim, falta-lhes os dois, no entanto a falta da valoração, que deveria ser comum no ambiente social familiar aos doutores afeta a saúde mental proporcionalmente a falta da valorização do ambiente laboral também. É uma equação que não fecha, afinal, o Brasil tem 10 doutores para cada 100 mil habitantes, enquanto a média dos países da OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico é de 30 doutores para cada 100 mil habitantes. Infelizmente nem a sociedade acadêmica reconhece a importância dos doutores, tampouco os familiares ou seu entorno social tem algum apreço por pesquisadores e cientistas. Como trazemos essa discrepância para nossa discussão? Continue lendo este artigo.

A relação Mulheres X Síndrome de Burnout

Não por acaso temos como nossos sujeitos duas mulheres e um homem, pois, segundo dados do Ministério da Previdência Social, as mulheres foram as principais afetadas. Os dados reapontam que 63,8% das 472 mil licenças concedidas por transtornos mentais em 2024 foram de mulheres. Não podia ser diferente uma vez que mulheres relatam níveis mais altos de burnout do que os homens há anos, e essa disparidade de gênero aumentou desde a pandemia. Em uma pesquisa com 5 mil mulheres, quase uma em cada quatro afirmou sentir esgotamento profissional, mas, não só profissional.

Há um descompasso que, sempre foi cultural, mas, por diversos fatores, como assinalou Barbosa (2022), em pleno recém período pós-pandemia que, as mulheres, independente de suas profissões estavam laborando praticamente 100% de seu dia. Sim, 100% de carga horária laboral, em diversas frentes. Carga horária potencializada em função do trabalho home office, que ao invés de potencializar o trabalho, na verdade, deixava a mulher trabalhando em suas diversas frentes de atuação *full time*, ou seja, laborando de casa, a mulher também e, simultaneamente cuidava dos filhos, da casa, do marido (acometido pela COVID 19) e, ainda assistia seus parentes, via mídias digitais.

A professora universitária teve sua carga horária de trabalho formal triplicada,



pois as aulas *online*, exigiram uma preparação e adequação para um modelo de aula que, nem todas tinham. As dúvidas dos alunos, tornaram-se praticamente personalizadas e, durante os chats, os fóruns *online*, as plataformas AVA's – Ambiente Virtual de Aprendizagem -, tornavam-se um divã virtual, afinal, o contexto mundial estava na palma da mão. As dores, pela perda de um ente ou amigo para a covid 19 gerava uma comoção em todos nós, os números de vidas perdidas que aumentavam assustadoramente a cada dia, acompanhada da impotência de todos nós bagunçou nossas cabeças de uma forma ímpar. E, nós, professores universitários também não tínhamos nem respostas, nem certezas, apenas, cumpríamos o fundamento pedagógico de pegar, ainda que virtualmente, as mãos dos nossos alunos e os acolhíamos, nas suas dores, que também eram as nossas. Mas, não podíamos tirar a capa de super-herói que os alunos nos colocam. As professoras universitárias tornaram-se mães, terapeutas, psicanalistas, tias dos seus alunos.

Os professores universitários, como culturalmente, os homens têm a carga laboral melhor definida não permaneceram com esta definição tão bem-marcada. Em muitos momentos, as aulas, *online*, tornaram-se um grande encontro não de professores e alunos, mas, de pais, tios e filhos/as e sobrinhos/as, parentes, os vínculos estreitaram-se.

Para Araújo (2020), as múltiplas exigências advêm de atividades de ensino, pesquisa e extensão, as quais são marcadas pela competição por recursos, esforços para a progressão na carreira e o exercício de cargos na gestão. Para além de toda dinâmica do trabalho docente a incorporação de novas tecnologias e mudanças no sistema educacional têm trazido implicações para a saúde da docente universitária e para as vivências de prazer e sofrimento ligadas ao trabalho. De acordo com Pinho e Souza et al (2021) Tal realidade tornou-se muito mais explícita e descortinada no trabalho remoto docente, decorrente da pandemia da covid-19.

Há quem considere o trabalho docente leve, por ter até certo ponto a flexibilidade, o que não é comum, sobretudo, nos cursos presenciais. Porém, esquece-se a multifacetabilidade acadêmica.

A atividade na academia sempre está associada aos desafios que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, cada dia mais esta atividade está sob a égide das relações sociais capitalistas, e com elas vem a sobrecarga de tarefas, com a escancarada e exaustivas atividades de ministrar aulas, planejar atividades para essas aulas darem certo, afinal, a concorrência com os smartphones não é fácil para nós, além



da elaboração e preenchimento de relatórios e formulários. Ainda temos a coordenação de atividades extracurriculares, a participação em reuniões. Temos também a gestão dos departamentos e coordenações, bem como a elaboração de projetos de pesquisa e de extensão, publicar trabalhos, buscar recursos externos, responder e-mails institucionais, orientar alunos, participar de comissões, prestar consultorias, participar de eventos da área de atuação, entre outras variadas atividades. UFA! Se você, leitor cansou apenas em ler, imagine nós.

E não é de hoje que fazer docente sempre demandou níveis de especialização elevados, longas e intensas jornadas de dedicação, múltiplos empregos, precarização das condições de trabalho e dos vínculos contratuais (Mascarenhas, 2013). Essas características, em conjunto, também sempre impactaram de forma negativa a saúde dos professores, com importantes diferenças entre homens e mulheres (Pinho, 2021). E, sem dúvida, as mulheres, docentes universitárias ainda desempenham seus papéis de avós, mães, esposas e filhas, destacando-se o último papel, uma vez que nossos pais tem vivido cada vez mais, em função dos avanços da ciência para a longevidade. Ufa!! A mulherada tem se virado cada vez mais nos 30 (alusão a um quadro de programa de tv aberta, onde o candidato tem que convencer a plateia de que é excelente no que faz em 30 segundos).

Considerações Finais

Os resultados da revisão indicam que a universidade é um ambiente com potencial para gerar muitos estressores ocupacionais. O trabalho realizado na academia, com altas e constantes demandas de professores, com ritmos intensificados por prazos rígidos e determinados, além de condições de trabalho precárias. Trata-se de um cenário que gera um esgotamento mental, físico, além de muita tensão, insatisfação e angústia.

As condições organizacionais e as práticas da educação superior, com a oferta desacelerada de cursos na modalidade EAD corroboram para uma carga de trabalho excessiva e no atendimento a múltiplas demandas, com impacto na distribuição do tempo. Logo, o resultado é que a escassez de tempo para realizar tarefas, é o gatilho para o estabelecimento do conflito trabalho-família, além de uma disputa extremamente desleal com as mídias digitais, que na maioria das vezes torna o fazer docente impossível, além da atmosfera frenética da competitiva entre colegas e atividades burocráticas estressantes as quais os professores universitários estão submetidos.



Para além de um enfrentamento semelhante a o tempo da “peste”, a sociedade brasileira viveu uma crise sem precedentes durante a pandemia da COVID-19. Assim como as medidas de enfrentamento a ela geraram impactos nas esferas de Saúde Pública, sociais e Econômicas com proporção mundial.

Nas Instituições de Ensino Superior destacam-se que os padrões de interação social entre os pares e os estudantes, que redefiniram conceitos de processos de ensino-aprendizagem, que precisaram ser atualizados para o cenário pandêmico.

Pinho (2021) destaca como novos: comportamentos de estudo, gerenciamento de emoções e resolução de problemas, situações geradoras das maiores ocorrências de indicadores de ansiedade, os estudantes na reta final de curso. Do outro lado, Barbosa (2022) apresenta a incapacidade não revelada, porém, sentida de um relevante número de professores universitários que demonstraram comportamentos novos para eles, até então, mas, bem semelhante aos dos estudantes estudados por Pinho (2021), quais eram: pânico em ter que ficar na frente de uma câmera ministrando aula pra “ninguém”, quando os alunos estavam do outro lado da tela. Medo do novo, por não saberem como não usar seus slides diante de uma câmera e, sobretudo, medo extremo de como autogerenciar-se e gerenciar aos alunos que estavam dentro de um monitor. Se por um lado os pesquisadores dos alunos encontraram categorias positivas no cenário imposto, de maneira urgente e nada provisória. Sim, porque não estamos falando de uma, duas aulas por videoconferência, *online*, de forma esporádica, mas, praticamente, de forma permanente. Ao menos era assim que nos parecia à época da pandemia do COVID-19: pra sempre!

O que para os alunos, embora desencadeasse algum nível de ansiedade, para os professores universitários, este cenário era a própria representação do purgatório. Poucos não foram os grupos que se formaram pelo aplicativo de mensagem whatsapp. Entre nós, era clara e quase se ouviam os gritos de desespero, sobretudo, dos professores mais velhos que, nesse momento xingavam a si mesmos por não terem se aposentado antes. Outros, formavam um cordão de resistência ao modelo de ensino cem por cento *online*. O conflito de gerações estava escancarado. Muitos professores universitários que rechaçavam seus pares por formarem grupos no mesmo aplicativo de mensagens que agora os salvavam, mas, entre alunos de uma determinada turma e disciplina, afirmando que “essa coisa de professor ficar tirando dúvidas de alunos pelo *whatsapp* tava errado... dúvida é pra tirar em sala de aula”, agora, agonizavam, sem saber respirar com esses ‘aparelhos tecnológicos’.



Toda a vulnerabilidade dos professores universitários mais conservadores veio à tona. E a preocupação de grande número deles era que eles não podiam expor essa falta de controle sobre a tecnologia, afinal, ele é um “PHD (deus)”.

Outros professores, recorreram aos seus alunos para que eles os ensinassem a construir as videoaulas, as aulas *online* e até mesmo a usar as plataformas do ensino EAD. Esses, ainda hoje ministram suas disciplinas no modelo híbrido, nas IES que permitem este modelo.

As variáveis níveis de comprometimento da saúde mental desses professores/sujeitos da nossa pesquisa levaram em consideração fatores como: o engajamento acadêmico, as habilidades sociais fora do locus laboral (a universidade), o viver em sociedade, sobretudo, na relação professor universitário – família, uma vez que todos os sujeitos desse estudo relataram que seu leque social afora seus parentes, limita-se apenas aos seus pares/colegas de trabalho.

Assim, não nos causa espanto que o comprometimento da saúde socioemocional esteja em um nível bem elevado de comprometimento, uma vez que a relação parental foi o gatilho para episódios psicóticos e, ainda esteja muito presente nas memórias dos sujeitos, bem como o enfrentamento desastroso dos efeitos pós - pandemia da COVID-19.

Estudos futuros poderão avaliar se houve um crescimento no repertório de habilidades sociais como uma variável minimizadora para os indicadores de ansiedade desses professores universitários, nossos sujeitos, que e não representa um universo considerável dos acadêmicos do Brasil, o estado da saúde socioemocional em que se encontram revelam o estado mental da grande maioria não somente de nós, professores universitários, mas, de milhões de brasileiros. Esperamos, no próximo CONEDU trazer números e cenário melhor sobre a educação socioemocional dos que formam todos os profissionais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M.A.G. O MODO DE PENSAMENTO NARRATIVO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA." no IV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, evento realizado no Centro de Convenções na cidade de João Pessoa - PB, no período de 15 a 18 de Novembro de 2017. Identificador: 94a4b68ca58f69a65e0ae865c952bd02 Acesso em 30/07/2025. Brazilian Journal of Development, 7(7), 66821-66836. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n7-113>

GODOY, J. T., Campos, I. R. G., Menezes, M. P. A. F., Avila, A. T. B., & Barbosa, P. V. M. (2021). Prevalência de ansiedade em diferentes populações durante a pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa Prevalence of anxiety in different population during the COVID-19 pandemic: an integrative review.

Harvard University Press _____. A construção narrativa da realidade. **CriticalInquiry**. 1991, 18 (1), p.1-21. Disponível em: <www.academia.edu/4598706/BRUNER_Jerome._A_construção_narrativa_da_realidad e>. Acesso em: 20 jul. 2025

MASCARENHAS, M.; ARAÚJO, T.; SANTOS, K. Transtornos mentais comuns em docentes universitários de uma instituição de ensino pública na Bahia. Advir, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2013.

PINHO, P. Et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da covid-19. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.19,2021.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA, J. M. Et al. Docência na pandemia: saúde mental e percepções sobre o trabalho on-line. Teoria e Prática da Educação. Maringá, v.24,n.2,20

